casadesarmento
centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CARTAS DE ESTÁCIO DA VEIGA A MARTINS SARMENTO.

FERREIRA, Agostinho

Ano: 2007-2008-2009 | Número: 117-118-119

Como citar este documento:

FERREIRA, Agostinho, Cartas de Estácio da Veiga a Martins Sarmento. *Revista de Guimarães,* 117-118-119 Jan.-Dez. 2007-2008-2009, p. 123-136.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

CARTAS DE ESTÁCIO DA VEIGA A MARTINS SARMENTO

Leitura e fixação de texto de Agostinho Ferreira

Estácio da Veiga nasceu em Tavira a 6 de Maio de 1828. Foi um notável arqueólogo algarvio que desempenhou um papel destacado no estudo dos lugares arqueológicos do Alentejo e do Algarve. Em consequência das fortes cheias de 1876, que deixaram a descoberto notáveis vestígios arqueológicos, foi encarregue pelo governo de iniciar recolhas de material e fazer investigações no baixo Guadiana e no Algarve.

A ele se deve a Carta Arqueológica do Algarve (1878). Em 1880 secretariou o Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica, em Lisboa.

Foi membro de diversas academias, designadamente: a Academia das Ciências de Lisboa, o Instituto Arqueológico de Roma, a Sociedade Francesa de Arqueologia, a Real Academia de História de Madrid, a Academia Belga de Arqueologia e o Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco.

As cartas que escreveu a Martins Sarmento, para além de espelharem pareceres sobre as dúvidas de Martins Sarmento (nas investigações sobre a Citânia de Briteiros), dão nota dos trabalhos e investigações que estava a efectuar no Algarve e em outros lugares do país.

Depreende-se das cartas uma preocupação por uma investigação sistemática, criteriosa e fundamentada.

Foi um grande defensor da descentralização da cultura arqueológica e propôs a introdução do ensino da Arqueologia na Instrução Pública.

Ex.mo Senhor

Tendo recebido o honroso convite de V. Ex.ª para uma conferência de amadores das nossas antiguidades, a fim de serem examinadas as ruínas do monte da Citânia, devo primeiro que tudo manifestar a V. Ex.ª o agradecimento a que me obriga uma tão imerecida distinção, e ao mesmo tempo assegurar-lhe, que sinto o maior desejo de assistir a esses importantes trabalhos, embora me julgue insuficiente para os auxiliar.

Desconheço quase inteiramente a feição antiga das regiões setentrionais do país, porque tenho dedicado a maior parte dos meus estudos à zona geográfica do Algarve, levando em vista a já conseguida organização de uma carta arqueológica, baseada na classificação dos vestígios, com que alguns povos de origens diversas deixaram caracterizado o seu domínio naquele território, a contar dos tempos pré-históricos até à época da definitiva conquista portuguesa; e depende a publicidade da referida carta, bem como a dos livros que a comprovam, de um reconhecimento geral e directo, que brevemente espero realizar.

Além disto escrevi ultimamente uma memória acerca das antiguidades do concelho de Mafra, cuja impressão se está fazendo por ordem da Academia Real das Ciências, e nesta ocasião acho-me empenhado no estudo relativo a uma tábula de bronze, descoberta nos escoriais da mina dos Algares ao sul de Aljustrel, contendo em duas extensas inscrições um fragmento de jurisprudência romana, cuja lição epigráfica, assaz difícil, franquiei ao distinto escritor Augusto Soromenho para que em nosso nome a comunicasse aos institutos nacionais e estrangeiros, reservando-me para lhe adicionar uma breve apreciação respectiva os pontos da circunscrição pacense, que julgo poder ter tido ligação com aquele em que o mencionado monumento surgiu entre outros muitos característicos de sua mesma época.

Conquanto pois reconheça ser um tanto temerária a minha intervenção em mais um trabalho, que exige largo estudo, ainda assim aceito com particular satisfação o convite de V. Ex.ª para o exame das ruínas de Citânia, onde alguns observadores presumem ser caracterizadas as épocas céltica, romana, e sueva.

O elemento suevo não tinha ainda sido arqueologicamente proclamado em Portugal, e a meu ver, deve talvez ser o mais difícil de apurar, ainda mesmo na região galaica, onde mais actuou até se mesclar e confundir com a rudeza visigótica, que eu pensava tê-lo de todo desfigurado.

Ocorre-me, porém, que muito conviria serem com antecipação indicadas aos

concorrentes, a fim de se tornar mais profícua a conferência projectada por V. Ex.ª, os objectos até agora descobertos pelo ilustre explorador o sr. Moraes Sarmento, para assim se preparar o estudo, que deve seguir-se à inspecção dos característicos de época já observados; visto que do que refere Argote, nada se pode concluir.

Quem sabe, pois, se os próprios edifícios circulares de pedra tosca de há muito considerados como choupanas da população céltica, sem contudo se citarem outras provas características, cuja classificação autorize um tal conceito, tão verdadeiros protótipos do elemento céltico? Quantos povos de diversas raças estancearam no solo peninsular juntamente com os célticos, antes e depois deles?

Direi francamente a V. Ex. ª, porque sei que o que digo a quem melhor do eu o sabe perceber, que alguns arqueólogos modernos, tanto portugueses como espanhóis, cometem muitas vezes tão grave erro em atribuir aos célticos todos os objectos, que sua feição rudimentar não podem ser filiados na arte romana, como o próprio povo, ignorando as transições por que tem passado a península, em referir à época árabe tudo quanto é antigo. Para o povo há porém sempre absolvição plena, mas esta absolvição não será jamais extensiva aos que professam a ciência e curam de não proferir o seu julgamento em assuntos de tanta gravidade senão como averiguadamente deduzido da crítica arqueológica dos factos.

Que sirva o estudo das ruínas de Citânia de brilhante estreia ao nascente Ateneu bracarense, e que da reunião dos ilustrados membros desse auspicioso instituto com outros verdadeiros amigos das antiguidades nacionais, surja de uma vez, porque já é tempo, o generoso intuito de se mostrar aos nossos indiferentes e aos estranhos, que ainda há quem saiba como se devem estimar os monumentos da nossa pátria.

Conte V. Ex.ª com os meus minguados serviços, e recebendo os protestos de grande consideração, com quem de há muito sou

De V. Ex.ª
O mais respeitoso admirador
Lisboa R. do Sacramento em Palhavã, 28 -
Em 26 de Novembro de 1876
Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga

Em nota marginal no início da carta diz: Convite meu, em acordo com M. S. para a conferência pátria, acerca das ruínas arqueológicas da Citânia de Briteiros [5/ 01/ 1881]

Ex.mo Senhor e
Muito bom amigo

Não tenho podido escrever-lhe por dois motivos: 1° porque tem sido tal e tão seguido o meu trabalho, já na organização do museu, já nas escavações, levantamento de plantas, de perfis, de fachadas, e nivelamentos, no coro das freiras de Sant'Ana, em busca da verdadeira sepultura de Camões e da feição da igreja na data da morte do poeta, que mesmo à noite me tenho visto obrigado a um grande trabalho, acrescentado ainda com o das actas das sessões da Comissão (por ser secretário e encarregado da exploração) e com o da busca de documentos e notícias, pela maior parte insuficientes, que melhor pudessem elucidar o trabalho, e a causa de que resultou o completo desaparecimento de todos os vestígios materiais que os cronistas indicam como características da jazida do nosso imortal cantor das glórias que já lá vão. 2° Porque logo no dia imediato ao da recepção da mui estimada carta de V. Ex.ª fiz aquisição, para lhe mandar, de uma lente, que preferi entre as que encontrei, mas que não me deixou satisfeito, e por isso também tenho estado esperando pela chegada de outras muito melhores com que me tem trazido iludido o vidraceiro, fingindo ter encomendado o que havia de melhor, até que, desenganado de que tal encomenda nunca ele fez, entendi que tinha de sujeitar-me a ficar com a primeira lente, que trouxe para casa e que hoje remeto a V. Ex.ª, sentindo deveras não lhe poder achar coisa melhor.

Eu queria uma lente de maior diâmetro como a que o Sarmento tinha comprado em Londres, e havia muitas, mas de menor força; havia outras de maior força, mas de mais curto diâmetro, e deste modo resolvi preferir uma igual àquela de que me tenho servido e auxiliado para a leitura de inscrições mal conservadas.Aqui tem pois V. Ex.ª as duas verdadeiras causas que obrigaram a retardar a minha resposta.

Não cheguei a ver o que Henri Martin escreveu no *Siècle* a respeito do museu do Algarve. Em compensação o Eduardo Coelho, que V. Ex. ª não teve a fortuna de apanhar lá na Citânia, já expendeu o seu voto, aliás muito lisonjeiro. Só me falta agora o parecer do Luciano Cordeiro e o do Possidónio. Depois disso nada mais haverá que acrescentar, a não ser que algum dos arqueólogos da Academia das Ciências queira ainda fazer brilhar os monumentos do Algarve

com uma dedada de verniz académico.

Quando li a lista dos agraciados com a legião de honra, creia V. Ex.ª que fiquei verdadeiramente satisfeito vendo o seu nome. A lista foi feita em Lisboa, mas ainda não sei quem foi o autor. O comandante do Vapor Africano, pelo simples facto de conduzir o congresso a Cascais e voltar carregado de ciência para Lisboa, e Luís Garrido por ter plagiado uma biografia de Thüres, foram agraciados no mesmo grau! Achei esquisito, mas tudo vai assim.

O Cartaillac viu apenas em Briteiros a *Idade do Ferro*, de que eu já antecedentemente tinha também falado a V. Ex.ª. Eu confirmo este facto, mas continuo a julgá-lo precedido de um elemento muito anterior. Mais de espaço direi a este respeito o que sinto e penso. Tenciono voltar ao Minho lá mais para diante, e nas próprias localidades, apurando um certo conjunto de características, que em parte não cheguei a ver, expenderei o meu definitivo modo de classificar, e os fundamentos da classificação. Talvez então a opinião de V. Ex.ª não se desvie muito da minha.

Receba V. Ex.ª muitas lembranças deste seu inútil, mas dedicado amigo obrigado.

Lisboa - Estrada da Penha de França, 11 - em 5 de Janeiro de 1881

Estácio da Veiga

Prezadíssimo confrade

A falta de saúde, e de tempo tranquilo para dedicar logo as minhas atenções à sua espinhosa interpretação das *Ora Maritima* de Avieno, retardaram involuntariamente os meus devidos agradecimentos.

Já li tudo, e antes disso cheguei a ter a coragem de querer perceber certos trechos do poeta, auxiliado por Despois e Saviot; mas fiquei ainda atordoado, com o bestunto atrapalhado e mal comigo mesmo, por não poder entender à minha vontade, principalmente o que ele diz e desdiz, enquanto anda papagueando confusões e semeando discordâncias entre *cyneticum jugum* e o Ana. E ainda recorri à *Descriptio Orbis Terrae*, supondo achar coisa que de algum modo esclarecesse a *Cautes Sacra*; mas cada vez fiquei mais às escuras; e às apalpadelas por todas as curvas da raia do sul, sem atinar com o que procurava, determinou a minha ignorância, que do Cabo ao Ana fosse fazendo sondagens por essa costa fora em busca de duas ilhas, uma chamada Agonida e a outra que por falta de nome não perca, e confesso que de tais ilhas não achei vestígio entre a Ponta da Piedade e Cabo do Carvoeiro. Pode ser, porém, que tomando mais atilado sentido nos conceitos que V. Ex.ª expende a este respeito possa ainda aceitá-los sem mais reparo. Preciso pois procurar ocasião menos agitada pelo contínuo trabalho que me cerca para voltar ao assunto, talvez então com o entendimento menos embaciado.

Mas ainda assim não quero deixar de manifestar a impressão que me causa o nome de da *Cautes Sacra* e a distância de um dia de viagem desse ponto ao Ana.

Não me atrevo a dar à *Cautes* de Avieno a significação de promontório, mas antes a de rocha, pedra, penedo, penhasco; o que, consequentemente, não se conforma com a formação geológica do terciário do Cabo de Santa Maria, que de Albufeira chega até Cacela. Ocorre-me porém uma lembrança, que V. Ex.ª terá por extravagante, mas que ainda assim não lha quero ocultar.

Em 1866 comprovei eu a verdadeira situação de Balsa e em 1877 a de Ossonoba, ambas até então atribuídas a diversos lugares. Nenhuma cidade intermédia designou Antonino, e contudo o geógrafo anónimo de Ravena entre Balsa e Ossonova marcou *Statio Sacra*. E o ravenense não errou, porque efectivamente entre a ponte e a torre de Marim todo aquele campo em cinco

diversos cortes que ali fiz em 1887 me manifestou abundantes vestígios de uma civilização remota, caracterizada por instrumentos de pedra polida, precedendo nobilíssimos edifícios e monumentos romanos, o elemento cristão largamente caracterizado, a ocupação árabe, até a dos nossos conquistadores, de todas a mais bárbara, porque construíram a sua torre monumental, ainda existente, com os famosos monumentos dos seus antecessores, dos quais alguns trouxe para o museu do Algarve. Havia pois ali o quer que fosse de sagrado: quem sabe se primitivamente uma pedra - *Cautes Sacra*?

Esta conjectura é arriscadíssima: entretanto, notando V. Ex.ª que por entre ilhotas vai desaguar no oceano o rio que é atravessado pela ponte de Marim, observará também logo a curta distância fica o Cabo de Santa Maria, podendo deste modo calcular-se jornada de um dia a distância do Cabo ou de Marim ao rio Ana. Entre o Cabo e as salgadiças de Marim há também uma bem definida curva na raia marítima e não faltam ilhotes, sendo a Ilha de Cães a que forma a ponta do Cabo.

Se colocarmos as ilhas, que o poeta indica nos versos 212-14, (de que V. Ex.ª trata a pág. 57) entre Ponta da Piedade e o Carvoeiro, parece-me que dali ao Ana seria demasiado extensa viagem para um dia. Além disto, as águas do rio de Alvor andam muito mal representadas nas nossas cartas até hoje publicadas. Eu posso fornecer-lhe cópia de uma planta em maior escala, que as abrange com todos os seus afluentes, e então verá V. Ex.ª que o rio de Alvor não se separa em dois braços que rompem as águas lodosas de um golfo, mas pelo contrário o rio é que é formado, principalmente por dois braços, ou ribeiras que de feito correm por leitos lodosos até ao rio propriamente dito.

Nas minhas cartas anteriores, em que deste assunto falei a V. Ex.ª, tenho lembrança de me haver referido à ribeira de Odelouca; mas nunca poderia eu dizer que esta ribeira desagua na baía de Lagos; o que o Delgado com justa razão repele na nota de pág. 57. O que eu podia dizer, era que o Ilhéu do Rosário formava o plano esquerdo da foz de Odelouca e o direito do rio que de Portimão seguia para Silves. E lembro-me de ter acrescentado, que o Ilhéu do Rosário era o único existente entre Lagos e Portimão. Não ocorreu ao Delgado que não é só o rio Alvor que se lança na baía de Lagos. O rio de Lagos também se pode dizer considerar formado por dois braços, um que traz diversas nascentes da Serra do Espinhaço de Cão e o outro, mais para noroeste, formado pela Ribeira de Bensafrim.

Não pude eu chegar a reconhecer qual fora a situação do *Portus Anibalis*, de que nos fala P. Mela, porque quando cheguei com os meus trabalhos à secção marítima compreendida entre Alvor e Portimão, o governo tinha já com dificuldade prorrogado o prazo que me dera para o reconhecimento geral, e então foi preciso correr e andar por sobre importantes ruínas de arrazoados edifícios sem ser possível pô-las à vista. Observei porém que numa e noutra margem do rio de Alvor, abrangendo o Vau, Vila Velha, Alvor e Grajás, houve assentamento de antigas nacionalidades, abundando por ali os instrumentos de pedra polida e em larga escala as construções romanas, dizendo os marítimos que no próprio cabedelo, à entrada da barra, há restos de casas antigas.

Do Grajás para o Vale de França (a leste), passando por Marachique, e seguindo ainda pela costa até à ponta de Santa Catarina, que forma o plano direito do rio de Portimão; de Santa Catarina para os Portimões já rio acima, e dali à pequena península de S. Francisco até à Vila, tudo está cheio de antiguidades, e o mesmo se observa em toda a margem esquerda do rio, desde o Ponta do Alvor para cima e para leste. Calculo em mais de seis meses, com trabalho activo e simultâneo em Alvor e Portimão, o tempo indispensável para se chegar a reconhecer qual fora o *Portus Anibalis*; por isso não posso ainda hoje convencer-me de que a Agonida, que era uma ilha, possa ser representada pela Ponta de Santa Catarina, que julgo ser a península a que V. Ex.ª (pág. 58) refere o *Portus Anibalis*, e a ilha anónima o Cabedelo a leste da entrada da barra de Alvor.

Faltam-me pois elementos fundamentais para aceitar ou rejeitar a situação que V. Ex.ª atribui às duas ilhas, que Avieno embrulhou num apontoado de poéticas trapalhadas, de todo o ponto rebeldes à mais atilada crítica, como V. Ex.ª muito admiravelmente emprega em toda a sua mui espinhosa e dificílima interpretação; o que coloca o seu escrito muito acima de tudo quanto até hoje se tem pretendido deduzir dos enigmas de Avieno, que todavia, serão a seu tempo decifrados, quanto ao nosso território, se um dia os reconhecimentos arqueológicos ganharem entre nós a importância que reclamam.

Não impugno a situação dos Cinetos na zona do moderno Algarve, porque me parece geograficamente bem deduzida e confirmada; mas donde veio e quando veio ali estanciar essa civilização, e quais são os seus característicos monumentais? Seriam de origem fenícia e usariam os caracteres paleográficos

desconhecidos, que descobri no cemitério pré-romano da Fonte Velha de Bensafrim, cujas sepulturas mui curtas e impróprias para o enterramento por inumação, eram internamente revestidas de lajes toscas de grés vermelho com inscrições, e continham contas de vidro lisas e esmaltadas, braceletes de cobre, e já duas pequenas pontas de lanças de ferro? Os caracteres não são púnicos (se quiser cópias, mandarei) mas devem ser posteriores ao elemento púnico, que Mela vinculou na costa do Algarve. Seriam pois os Cinetos os povos que dominavam aquela região, quando os cartagineses começaram a frequentá-la, sucessores das civilizações das idades da pedra totalmente representadas desde a costa do poente até ao Guadiana?

Estes problemas creio puderem ser resolvidos nos nossos dias. Entretanto diga-me V.Ex.ª o que pensa a este respeito.

O estudo do poema de Avieno é um trabalho de crítica geográfica e etnográfica de grande valor e alcance; com ele fez V. Ex.ª mais um valioso serviço, que infelizmente mal se saberá apreciar e agradecer-lhe.

Se quiser brindar a Academia da Ciências e a Sociedade Geográfica, gostosamente me encarregarei da apresentação dos exemplares.

Releve-me V. Ex.ª a demora que tive em agradecer-lhe o exemplar com que se dignou contemplar-me, acreditando porém que recebo sempre com muita satisfação as suas notícias e as suas obras.

Aqui fica em seu serviço o
De V. Ex.
Muito Admirador e amigo Obrigado
Lisboa - Estrada da Penha de França, 11 - em 27 de Março de 1881

Estácio da Veiga

Lisboa - Calçada do Combro, 76, em 29/5 - 1888

Meu Ex.^{mo} Amigo

Na véspera da minha partida para o Algarve recebi "Os Argonautas", livro precioso, de vasta erudição de atilada crítica e mui cuidadosamente escrito em Português. Não agradeci imediatamente, como me cumpria, porque desejava primeiro que tudo conhecê-lo. Já o tinha pedido na secretaria da Academia, por me constar que havia concorrido ao prémio que em fraudulento concurso era prometido à mais qualificada obra de literatura nacional; mas já estava em poder do Silveira da Motta, por ter sido encarregado do parecer, que não chegou a dar, ou que pelo menos, não foi lido na sessão em que Pinheiro Chagas apresentou a sua preferência ao Duque de Viseu, estando já preparada a maioria para que a votação não falhasse.

Regressando no dia 22 deste mês, achei a sua estimável carta, a qual não me foi remetida para o Algarve, porque me esperavam todos os dias havia muito tempo.

Agradeço pois a V. Ex^{a} a sua mimosa lembrança, pedindo-lhe queira aceitar por verdadeiro o motivo que me levou a retardar a manifestação de apreço a que fiquei tendo o seu valioso oferecimento.

Vou fazer a possível diligência para poder enviar-lhe os dois primeiros volumes das *Antiguidades Monumentais do Algarve*, cuja edição corre por conta do estado; pois os poucos exemplares que tive, não chegaram nem para metade dos compromissos a que me julguei obrigado.

Entretanto, mando nesta data a v. Ex.^{a} um exemplar da minha monografia das *Orquídeas de Portugal*.

Com as mais gratas lembranças da minha visita à Citânia e com muitos protestos de estima e subida consideração me subscrevo

De V. Ex.^{a}
Amigo muito dedicado e obrigado

Estácio da Veiga

Ex.mo Amigo e Confrade

O desejo de que não visse o 1° volume da minha obra sem ir acompanhado do 2°, com que terminava o neolítico do Algarve, e o caso, que não sei explicar, de não achar em casa nenhum 1° volume quando saiu o 2°, me impediu de lhos oferecer, como era dever meu. Sinto bastante que as espertezas do agente da livraria de Ferin dessem em resultado ter V. Ex.ª de comprá-los, porque só deste modo ele podia fruir os 20%, que tão escandalosamente os livreiros estão exigindo aos autores; mas em vista deste caso, pus ponto final à especulação, porque V. Ex.ª fica proibido de mandar comprar livros meus e simplesmente muito instado para me ordenar que lhos envie, quando julgue haver demora na remessa.

Remeto hoje a V. Ex.ª o volume III, em que cito "Os Argonautas", que um certo sábio da nossa Academia entendeu irão ser assunto que devesse concorrer ao primeiro prémio conquistado pelo Duque de Viseu!

Talvez V. Ex.ª concorde com as impugnações, um tanto rigorosas, com que refuto as teorias escandinavas, como não aplicáveis a este último cantinho do Ocidente e chegue a convencer-se de que toda a doutrina do meu livro é deduzida da interpretação dos factos manifestados no nosso território; pois não sofro os inícios da metalurgia como trazidos da Ásia, nem coisa alguma de tal proveniência, durante o pré-histórico, senão a contar da primeira idade do ferro, por entender que toda a indústria neolítica, a do cobre e do bronze, é unicamente indígena.

Enfim, quando tiver alguns momentos disponíveis, peço-lhe que passe pela vista o meu livro, e se não se julgar bem tratado quando cito o seu nome aceitarei com todo o acatamento as suas advertências.

Muito cordialmente se faz hoje lembrado o

De V. Ex.ª
Amigo Obrigado

Lisboa - Poiais de S. Bento, 70 - 2°, em 25 de Setembro de 1889

Estácio da Veiga

Tavira - Cabanas da Conceição - 25/10 - 1890

Meu Ex.^{mo} Amigo

Bem entendi eu que mais alguns museus devera haver no reino além daqueles que propus e que todo o trato nordeste de Trás-os-Montes é riquíssimo de antiguidades, assim como outros centrais e na fronteira de leste, e por isso os museus poderiam mui vantajosamente repartir-se por Viseu, Guarda, Lamego, Vila Real, Bragança, etc.; mas tive medo de assustar os famigerados zeladores da fortuna pública, propondo logo tantos museus a um tempo. A questão principal para mim era decretar-se o reconhecimento geral das antiguidades do reino; pois o seu grupamento poderia até dividir-se pelas sedes dos distritos, ou por outra forma; mas nada disso se fará, porque os governos se continuarem a sair do circulo vicioso já mui conhecido, não anuirão a coisa alguma. Nada espero do actual ministério de instrução pública, por não ter pessoal que compreenda a necessidade destes estudos.

Continuemos nós a trabalhar, e por isso, muito agradecido, vou aproveitar o oferecimento de V. Ex.ª, porque vem mesmo em ocasião própria.

Vou começar a impressão do capítulo (Vol. IV) da idade do bronze, e por isso, se V. Ex.ª puder fornecer-me com a possível brevidade os perímetros dos machados e dos outros instrumentos de bronze existentes no museu de Guimarães, trazendo cada um a designação do lugar do achado, todos entrarão em ordem geográfica nas minhas estampas, e serão descritos no texto, mediante as notícias que V. Ex.ª possa coligir e enviar-me.

Sendo semelhantes os de Santo Tirso, bastará vir um desenho que os represente; mas bom seria que os das outras terras, embora semelhantes, viessem para com eles se poder designar o maior número possível de pontos na região norte do reino. Desejaria pois receber desenho dos de forma plana, dos de talão com uma ou duas azelhas laterais e dos de alvado ou ocos com uma ou duas azelhas.

Se os desenhos puderem chegar a tempo de ser aproveitados, no meu livro, agradecerei a V. Ex.ª mais este serviço que se digna querer prestar

às antiguidades nacionais e o valioso auxílio com que ao mesmo tempo me socorre.

Disponha V. Ex.ª dos limitados serviços do
De V. Ex.ª Amigo Obrigado

Estácio da Veiga

Tavira - Cabanas da Conceição, em 14/ 11 de 1890

Meu Ex.^{mo} Amigo

Chegaram ontem à noite as suas duas cartas, sem eu saber explicar como a primeira esteve no correio à espera da segunda!
Agora sim, que já sei como hei-de dispor os desenhos.
Que enormes lacunas entre os bronzes do alto Minho e os do baixo Algarve! E tudo porque não está feito o reconhecimento geral das antiguidades do reino, como devera estar, se isto andasse governado por gente que estivesse apenas um grão acima do medíocre. Não bastava terem-nos gastado a força com que devêramos repelir a brutalidade estrangeira, como quererem também que não possamos conhecer as nossas antiguidades.
Enfim, iremos fazendo o que esteja ao nosso alcance.
O 4º volume da minha obra está já meio impresso: não o mande comprar, que lá irá ter quando estiver pronto.
Muito e muito obrigado por tantos enfadamentos.
Até ao fim da próxima semana espero chegar a Lisboa - Rua de José Estêvão, 99; pois tenciono daqui sair na 2ª feira para Beja, onde me demorarei talvez uns dois dias para observar antiguidades.

De V. Ex.ª Amigo Obrigado

Estácio da Veiga